

A LEITURA EM PAULO FREIRE: O DESAFIO PARA A LIBERTAÇÃO E A REFLEXÃO CRÍTICA

Lúcia Aparecida Parreira¹⁴

Maria Cristina Piana¹⁵

Introdução

O presente estudo teórico objetiva refletir sobre a leitura em Paulo Freire, educador de excelências que possibilitou ao Brasil e ao mundo repensar a escolarização como um ato reprodutor dos valores do capitalismo, mas como possibilidade de promover a capacidade de ler a realidade e de agir sobre ela, buscando a transformação social.

Muito se discute sobre o conhecimento elaborado pelo educador, especialmente num período em que o Brasil privilegia as classes dominantes para uma escolarização dominante, conservadora, elitista e excludente, em detrimento da classe trabalhadora que não tinha acesso a uma política educacional de qualidade, gratuita, universalizada e de acesso a todos.

Durante o século XX o Brasil experimentou muitas reformas e legislações educacionais que não superaram uma sociedade classista, autoritária (conservadora) e bancária (tradicional).

Nesse sentido, esta pesquisa pautada em Paulo Freire, possibilita pensar uma educação libertadora que rompa com o tradicional a serviço de um sistema que determina e reproduz as relações sociais e promove a alienação das infâncias, adolescências e juventudes da classe trabalhadora, impedindo uma perspectiva emancipatória, crítica e autônoma?

Por isso, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, assim afirmou Freire em seu livro “A importância do ato de ler”, escrito nos anos de 1980, quando retornou do exílio.

A partir do golpe de 1964 as classes dominantes no Brasil deixaram expressos seus interesses, e dentre eles, não estava o desejo por um projeto de alfabetização “das

¹⁴ Coordenadora Pedagógica do Colégio Barretos. Docente e Coordenadora do Curso de Graduação em História e Pedagogia da Faculdade Barretos/SP. Brasil.

¹⁵ Docente da Graduação e da Pós-Graduação em Serviço Social da Unesp, campus de Franca/SP. Brasil.

letras” e “do mundo”, como proposto por Paulo Freire. Com isto, ele foi preso, sendo acusado de promover uma pedagogia subversiva. Em 1969 Freire foi exilado no Chile, e durante este período reconheceu a relevância do marxismo como uma filosofia da práxis pedagógica, diante disto.

Durante seu exílio no Chile, Freire passou a reconhecer a importância do marxismo como uma filosofia central para a prática pedagógica. Segundo Freire (2005, p. 12), “uma pedagogia libertadora precisa ser construída com os oprimidos, e não para eles”. Durante esse período, Freire trabalhou como assessor pedagógico no Movimento de Reforma Agrária da Democracia Cristã chilena e posteriormente na Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), onde esteve envolvido com a alfabetização de trabalhadores rurais. Para Freire (2005, p. 13), “o conhecimento é o produto complexo das práxis sociais, que combinam momentos de ação com momentos de reflexão, prática com teoria”. Ele é considerado o intelectual brasileiro mais estudado nas universidades dos Estados Unidos e da Europa Ocidental.

Acredita-se que a educação, isoladamente, não tem o poder de mudar uma sociedade; é necessário assegurar outros direitos fundamentais para o crescimento da dignidade humana e o exercício pleno da cidadania. No entanto, a educação formal oferece uma oportunidade para refletir, compreender e debater a realidade dentro das escolas. Paulo Freire, com seu método de ensino, democratizou o acesso à educação e permitiu que as pessoas se dessem conta da visão simplista das condições em que viviam, transformando suas vidas por meio de uma pedagogia crítica.

A aprendizagem da leitura em Paulo Freire é um ato político. Ele afirmou a necessidade dos educadores e educandos se posicionarem criticamente na educação enquanto prática concreta de libertação e de construção da história. Não há neutralidade na educação, segundo o educador e superar as condutas ingênuas é nossa tarefa (Freire,2000).

Assim, entender a educação como um ato político é fundamental para que a escola desempenhe seu papel de formar indivíduos para a participação ativa na sociedade, promovendo uma emancipação que conduza à liberdade e à superação da passividade. Historicamente, a educação sempre esteve a serviço das classes dominantes, e hoje, sua gestão está sob o controle de grandes corporações que determinam como o ensino e a aprendizagem devem ocorrer, privatizando a responsabilidade e permitindo que empresários influenciem o desenvolvimento dos estudantes, moldando-os para que se tornem cada vez mais autossuficientes, sem

depende do Estado. Também se reconhece que as oportunidades são desiguais; nem todos têm acesso a uma educação de qualidade, o que os mantém em situações de subordinação. Nesse contexto, ao longo de sua trajetória, Freire se destacou como um educador popular, enfatizando em suas obras a importância de um olhar crítico sobre aqueles que ainda não têm consciência da realidade em que vivem. Sua luta contra a desigualdade social está presente em cada linha de seus escritos e ações.

Paulo Freire, um educador de excelência: um legado educacional

Freire, o patrono da educação brasileira e o teórico que embasa essas reflexões é um referencial quando se trata de libertar as pessoas por meio da educação

Acredita-se que a educação sozinha não transforma uma sociedade, é preciso garantir outros direitos essenciais para o desenvolvimento da dignidade humana e o pleno exercício da cidadania, mas a educação formal possibilita que a realidade seja refletida, percebida e discutida nas escolas e Freire por meio de seu método de ensino popularizou o ensino e fez com que o povo percebesse a visão ingênua das condições em que viviam e por meio de uma pedagogia crítica transformou a vida de muitos. Exemplo disso foi em Angicos, uma cidade do Rio Grande do Norte, famosa por ser o local de um dos projetos educacionais mais emblemáticos de Paulo Freire. Em 1963, Paulo Freire aplicou sua metodologia de alfabetização de adultos no município de Angicos, no Brasil. O projeto envolveu a alfabetização de 300 trabalhadores rurais em apenas 45 dias, utilizando uma abordagem prática e baseada no cotidiano dos alunos, e não em métodos tradicionais de ensino. A proposta de Freire focava na aprendizagem significativa, a partir das palavras e experiências dos próprios alunos, promovendo uma educação que buscava libertar e transformar as pessoas em sujeitos ativos de seu conhecimento e do seu contexto social. Esse método revolucionário e a experiência de Angicos se tornaram marcos na história da educação brasileira e mundial.

Quando as pessoas possuem consciência da realidade e do contexto social em que vivem são capazes de mudar e transformar a vida e, conseqüentemente a vida em sociedade. Sem consciência do papel que o ser humano tem, continuará a viver a margem da sociedade. Assim, a partir da consciência de ser que afirma Freire, este trabalho percorre a trajetória do educador para compreender os ideais que o levaram a afirmar que pessoas condicionadas podem, a partir da educação, ter consciência da realidade em que vivem e assim, transformá-la.

A leitura do mundo, conforme proposta por Paulo Freire, é um conceito central em sua pedagogia e reflete a ideia de que a educação não deve ser uma mera transmissão de conteúdos, mas uma forma de compreender o mundo, sua história, suas relações e seus desafios. Para Freire, a educação deve ser libertadora e contribuir para a construção de um sujeito crítico, capaz de agir sobre a realidade de maneira transformadora.

Paulo Freire, um dos maiores pensadores da educação, desenvolveu sua pedagogia a partir de uma crítica contundente à educação tradicional, que ele via como alienante, pois, ao invés de permitir que os indivíduos compreendessem e se apropriassem da realidade, impunha uma visão simplificada e de fora para dentro. Em sua obra mais famosa, *Pedagogia do Oprimido* (1970), Freire discute amplamente a ideia de que a verdadeira educação envolve um processo de diálogo entre o educador e o educando, que se reconhecem como sujeitos na construção do conhecimento.

O conceito de "leitura do mundo" é, para Freire, um passo fundamental nesse processo. Em suas palavras, "ninguém lê o mundo sem antes lê-lo". Ou seja, antes de se envolver com o conteúdo formal da educação, o indivíduo já possui uma forma de leitura do mundo, que é formada pelas suas vivências, experiências e interações com o ambiente ao seu redor. Cada pessoa, cada grupo social, tem sua própria maneira de interpretar e entender a realidade. Essas leituras podem ser, muitas vezes, parciais ou equivocadas, devido a fatores como a desigualdade social, a exploração e a opressão, mas são sempre influenciadas pelas condições históricas e sociais em que o indivíduo está inserido.

A leitura do mundo, para Freire, não é um ato isolado ou individual, mas sim um processo coletivo. O ser humano, ao aprender a ler o mundo, participa de um movimento constante de troca, de interação e de transformação com os outros. A educação não é um processo em que se transmite um saber pronto e acabado, mas um momento de diálogo no qual os conhecimentos de vida do educando e as informações trazidas pela escola se encontram, se confrontam e se enriquecem mutuamente. Esse processo deve ser consciente, crítico e participativo, para que os sujeitos possam, a partir dessa leitura do mundo, perceber as injustiças, as desigualdades e as relações de poder que moldam a sociedade.

Freire enfatiza a importância de uma educação que possibilite uma leitura crítica da realidade, uma visão que não se limite a aceitar as coisas como elas são, mas que incentive os educandos a questionar, a refletir e a buscar alternativas para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A leitura do mundo, portanto, deve ser

também uma leitura crítica, capaz de perceber as estruturas de opressão e exploração que sustentam as injustiças sociais e econômicas. Essa leitura não deve ser abstrata ou desinteressada, mas deve ser orientada por um compromisso com a transformação da realidade. Freire propõe, então, uma educação que, em vez de alienar, liberte os sujeitos, permitindo-lhes compreender o mundo de forma mais profunda e capaz de atuar sobre ele para modificá-lo.

A partir dessa perspectiva, a leitura do mundo implica também o reconhecimento da necessidade de uma educação que seja contextualizada e relacionada diretamente com as realidades vividas pelos educandos. Freire argumenta que o saber não pode ser imposto de fora, mas deve emergir das condições de vida, das histórias e das culturas dos educandos. Essa abordagem também está relacionada à crítica do autor à educação bancária, que considera o educando um receptáculo vazio a ser preenchido com o saber do professor. Para Freire, o educando deve ser sujeito ativo do processo educativo, e a educação deve partir das suas experiências e da sua vivência cotidiana.

Freire propõe um processo de educação que seja dialético, ou seja, que envolva um constante movimento de troca e transformação entre o educador e o educando. Nessa troca, o educador também aprende, já que a educação é uma via de mão dupla, em que ambos, educador e educando, têm papéis ativos na construção do saber. Dessa forma, a leitura do mundo não é apenas uma tarefa do educando, mas também do educador, que deve estar atento às realidades sociais, culturais e econômicas em que seus alunos estão inseridos. Ao entender o contexto de vida dos educandos, o educador pode ajudar a desenvolver uma leitura crítica e consciente do mundo.

A leitura do mundo também é um convite para a ação. Não se trata apenas de entender a realidade, mas de transformá-la. Para Freire, a educação tem uma função libertadora, e essa libertação está diretamente relacionada à capacidade de interpretar a realidade e agir sobre ela. A consciência crítica gerada pela leitura do mundo permite que os indivíduos tomem decisões conscientes sobre suas vidas, suas comunidades e suas relações com o poder. A educação, portanto, deve promover a emancipação dos indivíduos, permitindo que eles sejam protagonistas da sua história.

Em sua concepção de leitura do mundo, Paulo Freire também nos lembra da importância do amor na educação. O amor aqui não é entendido como um sentimento romântico ou idealizado, mas como o compromisso com a vida e com a dignidade humana. O amor implica o respeito à autonomia do educando, a escuta atenta e a

valorização de suas experiências e saberes. Ele é o motor que impulsiona a busca por uma educação transformadora e por um mundo mais justo e igualitário.

Freire critica a visão tradicional da educação, que muitas vezes vê os alunos como recipientes passivos de conhecimento, e propõe um modelo dialógico, onde o educador e o educando trocam experiências, aprendendo juntos. Nesse processo, a leitura de mundo não é apenas a leitura do contexto social, mas também o entendimento das estruturas de poder, das desigualdades e das opressões que permeiam a sociedade.

Freire introduz o conceito de "*praxis*" como um elemento fundamental em sua visão pedagógica. A *praxis* é a união entre reflexão e ação, entre teoria e prática, e, para ele, é essencial para a formação de indivíduos críticos e comprometidos com a transformação social. A prática educativa, segundo Freire, não pode ser dissociada da realidade social dos alunos; ela deve ser uma ferramenta de intervenção no mundo, buscando a justiça e a igualdade.

A reflexão crítica sobre a realidade deve ser acompanhada de ações que visem modificar essa realidade, pois, para Freire, a teoria sem ação é ineficaz, e a ação sem reflexão é vazia. O educando, ao tomar consciência de seu lugar no mundo e de suas condições de vida, deve ser levado a agir sobre elas, contribuindo para a construção de uma sociedade justa e solidária. A *praxis*, portanto, não é apenas um processo cognitivo, mas um movimento contínuo de transformação que envolve tanto a reflexão sobre a realidade quanto a prática de mudança concreta.

Além disso, Freire enfatiza que a leitura de mundo deve ser um processo contínuo de reflexão e ação, um movimento que ele chama de "*praxis*". A *praxis* é a combinação da reflexão crítica com a ação transformadora, pois, para Freire, a verdadeira educação deve ser capaz de gerar mudanças concretas na vida dos alunos e nas condições de sua realidade social.

Em outras palavras, a reflexão de Paulo Freire sobre a leitura de mundo é profundamente crítica e engajada. Ele vê a educação como um meio para que os indivíduos se tornem sujeitos ativos, conscientes de seu papel no mundo e capazes de agir para transformar as estruturas injustas que o limitam. A leitura de mundo, portanto, não é apenas um processo cognitivo, mas também político e social, fundamental para a construção de uma sociedade justa e igualitária.

O processo de leitura e releitura do mundo e das palavras é contínuo, e uma abordagem mais crítica sobre ambos permite ao sujeito não só entender melhor o mundo, mas também a si mesmo, reconhecendo seu papel ativo na transformação da realidade.

A educação, nesse sentido, contribui para a reflexão e análise crítica da realidade. O educador provoca os alunos a expressarem suas ideias sobre diversos aspectos da vida e dos objetos de estudo. Por meio dos diálogos, tanto entre os alunos quanto entre eles e o educador, a compreensão da realidade é ampliada, ajudando os estudantes a reconhecerem a necessidade de explorar diferentes saberes para uma compreensão mais profunda.

A construção do conhecimento começa com temas ligados ao contexto dos educandos e à forma como eles inicialmente percebem o problema. A partir de um processo de diálogo entre educadores e educandos, essa compreensão vai se expandindo, permitindo a construção e reconstrução de novos saberes. O respeito ao saber popular envolve reconhecer e valorizar o contexto cultural dos educandos, e é justamente isso que a *Leitura do Mundo* propõe. O ponto de partida para a criação do conhecimento é a realidade local dos educandos, que, ao serem questionados e discutidos, vão gradualmente desenvolver uma visão mais crítica e abrangente da realidade.

Paulo Freire nos lembra que o ser humano é, por sua essência, um "ser de relação", caracterizado por sua "incompletude" e "inacabamento". Somos seres em constante processo de transformação, assim como a realidade que nos envolve, que também está em constante mudança. O diálogo, nesse processo, é fundamental para o conhecimento. Ele acontece de forma social, mediado pela interação entre os sujeitos, e é por meio dessa troca que o ser humano se conhece e transforma o mundo ao seu redor. A *Leitura do Mundo*, como uma prática de entendimento do outro e do seu contexto, pressupõe que o diálogo seja uma experiência profunda, fundamentada no respeito mútuo e no compromisso com a transformação (Freire, 2000).

Esse diálogo, porém, não é possível sem uma relação amorosa com o mundo e com os outros. O verdadeiro diálogo se baseia em um amor que não é ingênuo, mas sim comprometido com a promoção da vida e com a construção de novas realidades. Esse amor "armado" é essencial para que a esperança na mudança permaneça viva, mesmo diante de desafios, e para que o compromisso com a transformação continue a ser uma prática constante (Freire, 2000).

A leitura e a releitura do mundo e das palavras são processos contínuos e dinâmicos. Uma abordagem mais crítica desses processos não só permite que o sujeito compreenda melhor o mundo, mas também a si mesmo, reconhecendo como suas ações podem transformar a realidade ao seu redor. Esse tipo de educação contribui para a análise profunda da realidade e envolve o educador no desafio de incentivar os alunos a

expressarem suas ideias de forma variada sobre os diferentes aspectos da realidade que vivenciam. A partir dessa troca, o educador tem a oportunidade de compreender como os alunos percebem as questões abordadas, ajudando-os a refletir sobre outros saberes e a ampliar suas compreensões.

O processo de construção do conhecimento se inicia com temas próximos ao contexto dos alunos e com a compreensão inicial que eles têm sobre esses temas. Por meio de um diálogo contínuo entre educadores e educandos, essa compreensão vai se expandindo e se aprofundando. O respeito ao saber popular é essencial, o que implica em reconhecer e valorizar o contexto cultural dos educandos, visto que a sua localidade é o ponto de partida para o desenvolvimento de sua visão de mundo. Ao reinterpretarem a realidade, os alunos desenvolvem uma visão mais crítica e abrangente, inicialmente superficial, mas que evolui com o tempo.

Paulo Freire afirma que o ser humano é “um ser de relação”, sempre incompleto e em processo contínuo de transformação. Esse processo ocorre dentro de uma realidade histórica, também em constante mudança. O diálogo é essencial nesse processo de conhecimento, pois é por meio dele que o ser humano se conhece e se transforma. A Leitura do Mundo pressupõe que, para que haja diálogo, é necessário um compromisso profundo com a vida e com os outros. Não se trata de uma relação superficial ou momentânea, mas de um compromisso com a promoção da vida e com a mudança (Freire, 2000).

A humildade é outra condição importante para o diálogo. O educador e o educando devem reconhecer que ambos são sujeitos em processo, com saberes a compartilhar. O diálogo só é possível quando ambos reconhecem a incompletude do outro, criando um espaço de troca mútua. O conhecimento não deve ser visto como algo unilateral, mas como uma construção coletiva, em que todos os envolvidos têm algo a ensinar e a aprender.

Freire também destaca a fé no potencial humano, na capacidade de criar e recriar o mundo, mesmo diante dos desafios. Isso exige ousadia para enfrentar o desconhecido, para reinventar práticas e para buscar novos saberes. A curiosidade e o interesse pelos diferentes campos do conhecimento devem ser estimulados, permitindo aos alunos desenvolver uma compreensão mais profunda do mundo ao seu redor.

O diálogo requer confiança e esperança. Sem esperança, o diálogo perde seu propósito. A esperança motiva os sujeitos a buscarem mudanças, a acreditarem na possibilidade de um mundo melhor. Paulo Freire afirma que o diálogo só é possível se

houver um pensamento crítico, que perceba a realidade como um processo em constante mudança, e não como algo fixo ou estático.

Por fim, a Leitura do Mundo não deve ser uma atividade isolada de transmissão de conhecimento, mas sim um processo coletivo. A educação, nesse sentido, deve desafiar os alunos a compreenderem a realidade em sua totalidade, indo além de suas realidades locais para perceber como essas se conectam com outras dimensões sociais, políticas e econômicas. O papel do educador é permitir que os alunos, a partir de suas experiências locais, expandam suas visões, compreendendo o contexto global e se engajando na transformação da sociedade (Freire, 2000).

A Leitura do Mundo também facilita o processo de autoconhecimento tanto da comunidade escolar quanto da comunidade local, permitindo que os sujeitos percebam não apenas as carências, mas também as riquezas e potencialidades de seu contexto. A diversidade de olhares, como os dos pais, professores e alunos, contribui para uma compreensão mais ampla da realidade e orienta a construção de um projeto educacional que leve em conta as múltiplas perspectivas e que esteja comprometido com a justiça social e a sustentabilidade.

Diante dessas reflexões fica a interrogação de como fazer a leitura de mundo no sistema capitalista vigente que usurpa e retrai os direitos sociais e legitima os retrocessos da classe trabalhadora em suas conquistas de luta e enfrentamentos da injustiça social.

Criar espaços de aproximação e diálogo é fundamental para estabelecer um vínculo genuíno entre a escola e a comunidade, permitindo que todos os segmentos, internos e externos, possam se expressar e contribuir na construção de um ambiente educacional mais inclusivo e representativo. Realizar assembleias, reuniões nas salas de aula e envolver diferentes grupos em diversos momentos e lugares não só amplia a participação, mas também fortalece a conexão entre a escola e a realidade social em que ela está inserida. Esse processo de escuta ativa deve ser contínuo e abrangente, buscando entender a escola em suas múltiplas dimensões: administrativa, pedagógica, financeira, sociocultural, entre outras.

O diálogo sobre a concepção de educação e o significado do projeto político-pedagógico deve ser constante, pois a educação não pode ser vista de forma isolada, mas sim como um reflexo da comunidade, suas necessidades e seus valores. Por meio da apreensão de dados variados, como observações, entrevistas, atividades culturais como dança, música, poesia e arte visual, é possível perceber as diferentes camadas da realidade, com todas as suas complexidades sociais, econômicas e culturais. A educação

deve ser capaz de ouvir essas diferentes linguagens e, ao mesmo tempo, compreender que a realidade é multifacetada, exigindo uma análise profunda e plural.

Adotar um trabalho coletivo e interdisciplinar é essencial nesse processo, pois permite olhar o cotidiano escolar e comunitário sob diferentes perspectivas. A atitude de "estranhamento", que consiste em olhar o familiar sob uma nova ótica, amplia a compreensão do que está ao nosso redor. Esse processo não apenas visa a observação, mas também a compreensão das mensagens implícitas, sejam elas verbais ou não — que surgem nos relatos da comunidade. Cada depoimento, cada experiência traz à tona um aspecto da realidade que pode passar despercebido em uma análise superficial.

O levantamento de dados precisa ser rigoroso e minucioso, sempre buscando uma visão ampla da realidade. Esses dados devem ser sistematizados, analisados e problematizados, com a participação ativa da comunidade, para que as questões mais significativas do contexto escolar e social possam ser identificadas. Observando os interesses, expectativas e relações tanto dentro da escola quanto com a comunidade externa, podemos melhor entender as necessidades de todos os envolvidos. Aspectos como os recursos humanos, as lideranças, os valores e os espaços de lazer ou culturais devem ser analisados com atenção.

Além disso, a escola deve estar atenta ao território onde está inserida. Identificar os recursos e equipamentos disponíveis na comunidade local, entender a visão que a comunidade tem da escola e reconhecer as características socioculturais e socioeconômicas da população, como níveis de escolaridade, emprego e condições de vida, são passos fundamentais para uma leitura de realidade mais precisa e justa.

A leitura da realidade também deve ocorrer de forma sensível, por meio de conversas informais, registros fotográficos, documentários, dinâmicas de grupo e outras formas de expressão que deem voz àqueles que vivenciam essa realidade. Incorporar as diversas perspectivas, de pais, alunos, professores, funcionários e membros da comunidade — contribui para uma compreensão mais profunda dos desafios e potencialidades da escola e do entorno.

É importante garantir que todos os segmentos da comunidade escolar participem ativamente da apreensão de dados e da análise da realidade, ampliando o envolvimento e criando um senso de pertencimento. Parcerias com universidades e outras instituições também podem agregar conhecimento e recursos que enriqueçam esse processo. Os dados levantados devem ser organizados de forma estruturada, criando um "portfólio" ou "dossiê" que seja um documento vivo, aberto a novos registros e interpretações ao

longo do tempo. Esse dossiê não é apenas um repositório de informações, mas uma ferramenta de reflexão contínua e adaptação, permitindo que a escola se ajuste e evolua conforme as necessidades da comunidade.

Por fim, é fundamental compartilhar os resultados da sistematização e da análise com a comunidade. Isso não só sensibiliza os membros sobre as realidades observadas, mas também permite que todos os envolvidos tenham uma compreensão mais ampla e conjunta da situação. Incorporar os saberes e sonhos da comunidade ao currículo escolar é um passo essencial para garantir que a escola não seja apenas um espaço de ensino, mas um agente de transformação social, comprometido com a melhoria da qualidade de vida e com a construção de uma sociedade justa e igualitária. Ao integrar o conhecimento informal com o formal, a escola pode contribuir significativamente para o desenvolvimento de seus educandos e da comunidade como um todo.

Considerações Finais

Fechando essas reflexões, não obstante a finalização da teoria freiriana, a proposta pedagógica de Paulo Freire é revolucionária e influente na história da educação, especialmente no que diz respeito à educação crítica. Sua teoria sobre a "leitura de mundo" e sua crítica ao sistema educacional tradicional apresentam uma abordagem que busca emancipar os indivíduos por meio de uma compreensão profunda da realidade social, política e cultural que os envolve. A leitura crítica é um instrumento necessário para a conscientização, e a educação, mais do que um processo técnico de transmissão de conhecimento, deve ser vista como uma prática libertadora.

Com isso, a leitura crítica, no pensamento de Paulo Freire, vai além da mera habilidade de decodificar palavras. Ela está intimamente ligada à capacidade de compreender o contexto e as relações de poder que determinam o mundo. Freire afirma que a verdadeira educação é aquela que desperta no aluno uma consciência crítica, capaz de perceber as contradições da sociedade, as estruturas de opressão e as formas de exploração. O conceito de "leitura de mundo", central na pedagogia freiriana, reflete essa ideia, pois sugere que antes de ler a palavra, é preciso ler o mundo, ou seja, entender a realidade de forma profunda e reflexiva.

A concepção de educação de Paulo Freire é baseada em um princípio dialógico, em que a interação entre educador e educando não é hierárquica, mas sim uma troca contínua de saberes e experiências. Para Freire, a relação pedagógica deve ser construída de forma colaborativa, onde ambos, educador e educando, aprendem mutuamente. Ele

crítica a educação tradicional, que muitas vezes trata o aluno como um recipiente vazio a ser preenchido com conhecimento, e propõe um modelo de ensino onde o educador se torna um facilitador do processo de aprendizagem, ajudando os alunos a se tornarem sujeitos ativos na construção de seu próprio conhecimento.

Essa abordagem dialógica implica que o educador deve respeitar o conhecimento prévio do aluno, suas experiências de vida e sua visão de mundo, criando um espaço para que ele possa refletir sobre sua realidade e questioná-la. A educação não deve ser uma imposição, mas uma construção conjunta de sentido. Nesse processo, a leitura crítica do mundo é um ponto de partida essencial, pois é por meio dela que os alunos começam a perceber a necessidade de transformação social e se engajam em ações concretas para mudar as condições que os oprimem.

No centro da pedagogia de Paulo Freire está a ideia de que a educação deve ser uma prática libertadora. Ele não via a educação apenas como um meio de aquisição de saberes técnicos, mas como um processo de formação de sujeitos críticos, capazes de transformar sua realidade. A educação libertadora de Freire busca romper com as formas de dominação e opressão que permeiam as sociedades e visa a emancipação do indivíduo, permitindo que ele se torne protagonista de sua própria vida e agente de transformação social.

Freire acreditava que, ao desenvolver uma leitura crítica do mundo e da realidade em que vive, o educando seria capaz de entender as estruturas de poder que determinam sua vida e buscar formas de superá-las. A leitura de mundo, portanto, é o primeiro passo para a transformação social, pois, ao perceber as injustiças e desigualdades, o indivíduo se torna motivado a agir para mudá-las.

A proposta de Paulo Freire sobre a leitura crítica e a educação libertadora continua sendo extremamente relevante nos dias de hoje. Em um mundo ainda marcado por desigualdades sociais, econômicas e políticas, a educação precisa ser mais do que uma simples preparação para o mercado de trabalho. Ela deve ser uma ferramenta para a emancipação dos indivíduos, para a formação de cidadãos críticos e conscientes, capazes de atuar em sua realidade e contribuir para a construção de uma sociedade justa e igualitária.

A leitura crítica do mundo, como proposta por Freire, é essencial para que os educandos possam compreender as dinâmicas de poder que moldam suas vidas e para que possam se engajar ativamente na transformação dessas dinâmicas. Em um contexto global de intensificação das desigualdades, a educação crítica freiriana oferece uma

resposta poderosa e necessária, pois nela reside a possibilidade de formar indivíduos não apenas capacitados para a vida em sociedade, mas também conscientes de seu papel na luta pela justiça social.

A leitura do mundo é um processo contínuo, que exige atualização constante, tanto na apreensão de novas informações quanto na análise das já obtidas. O processo participativo iniciado na escola não se conclui com a criação do documento final. O diálogo deve ser uma prática constante, visando cultivar uma nova mentalidade e estabelecer um tipo de relacionamento mais inclusivo, que favoreça a cidadania ativa dos indivíduos envolvidos no processo educativo. Isso contribui para capacitar as pessoas a propor políticas públicas que garantam os direitos dos cidadãos.

Referências

ANTUNES, Angela; PADILHA, Paulo Roberto. **Educação cidadã, educação integral: fundamentos e práticas**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2010.

ARELARO, L.R.G., and CABRAL, M.R.M. **Paulo Freire: por uma teoria e práxis transformadora**. In: BOTO, C., ed. *Clássicos do pensamento pedagógico: olhares entrecruzados* [online]. Uberlândia: EDUFU, 2019, pp. 267-292. História, Pensamento, Educação collection. Novas Investigações series, vol. 9. Disponível em <http://books.scielo.org/id/fjnhs/pdf/boto-9786558240273-13>. Acesso em: 30 jan. 2025.

BRIGHENTE, Miriam Furlan; MESQUIDA, Peri. Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora. **Pró-posições**. v. 27, n. 1, p. 155-177, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/kBxPw6PW5kxtgJBfWMBXPhy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2025.

BRITO, Daniela Santos de. A importância da leitura na formação social do indivíduo. **Revela**. Periódico de Divulgação Científica da FALS ano IV - nº VIII - jun / 2010.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 39. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, M. **Reinventando Freire**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2018.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia Paulo Freire: a prática educativa**. São Paulo: Fundação Paulo Freire, 1994.

MINAYO, Maria Cecília Souza. **Pesquisa social: teorias, métodos e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2010.

REIS, Sônia Maria Alves de Oliveira. Paulo Freire: 100 anos de práxis libertadora. **Revista práxis educacional**. v. 17, n. 47. Disponível em: 163 <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9443/6130>. Acesso em: 24 jan. 2025.